

maldito-o. Ora, o padre *Fidelis*, disse-me que malditos são: Cham e seus descendentes. Logo elle é maldito e é Cham.

O que havia eu dizer áquelle desalmado que quando imbitra com qualquer coisa não ha dissadil-o? Nada e por tanto vi-me obrigado a ouvir-o e era tão isto:

—O K., quem é aquella *striguita* que abre tanto a bocca quando falla, e olha tanto para os camarotes e platéa, a fazer esgaras?

—E' a Doelinda.

—Uma que não gosta que se lhe faça um signal parecido á *bé*?

—Hade ser.

—Quem é aquelle patisco (não ádano) que faz de embaixador?

—E' o seu Moniz.

—Não val mal hoje.

—Não, tenho-o visto peor.

—Olé... aquelle é o principe de Galles? Está bem parecido, sim senhor, quem é elle?

—E' o seu Leopoldo.

E' inglês?

—Não, pois não o ouves?

—Mas é que parece mesmo um londrino.

—Ora qual, deixa-te de massar, só se for pelos alicerces.

—Este, sim; é o Braga, é o do benefício, é o Kosa, quero vê-lo.

Final foi o panno abaixo e vi-me livre do visinho por momentos. Sobre o panno, tomei lugar.

X

Durante a representação levou o aquelle a *impazinar-me* com perguntas.

—Que diabo de Ophelia é aquelle? Tão sem jeito.... Então aquillo é que o Sr. Simões quer *impazinar-me* por Ophelia? *Pulce*, *Hanlet*, que *bucha*? Uma rapariga tão desageitada....

E assim levei eu durante toda a noite a ouvir as apreciações do aquelle que quer concenter-me que o Kosa, éra o protagonista, foi indo. Enfim.....

E aqui tem V. Ex.^a por que eu ando rangado com a tarefa de rabiscar sempre a mesma coisa. Se eu fosse philosopho então tudo hia bem: agarrava o palco e zis... é um bilhar; agarrava os actores, são boas, e empurrava tudo isto com o taco da opinião publica, competentemente *engitado* com o bilhete da admissão e começava em a divertir-me com effeitos á vontade, certo de que não amolaria tanto. Mas qual, em son *Aparição*, não sou philosopho, e por tanto fico como uma *bucha* quando vem cá o meu homem e—O seu K., tome este bilhete e vá ver os *Engitados*.

X

En estive quasi a *engitar* o tal bi-

lhethe, porém afinal estava comprometido e por tanto não tive remédio senão aceitar e ir.

Pois, minhas amáveis, não perdi o meu tempo. V. Ex.^a não foram? Não?

Pois não sabem o que perderam. Aquillo é um *trabalhinho* muito regalado, como se diz no *Telephone* e eu dei-me por bem compensado da tarefa de os ver.

O drama é um tratado de moral em quatro capitulos, todos mais ou menos *carapaceiros*. Dizem que foi muito criticado na corte, quando ali representado e... talvez por espirito de imitação a uma folha d'aqui. Não duvido que muitas razões movam as penas que o criticam.

Agora o que eu duvido, é que essas penas não estejam entre dedos de mãos ligadas a braços que pertencem a corpos com uma cabeça e que esta cabeça não tenha adoptado alguma das carapaças que Ennes talhou. Dizer que o drama tem uma moral e um desfecho duro, é uma sem razão.

Por que dizem que a moral é dura? Por que da-se o facto de ser Laura, exposta, irmã de Jorge e por elle deshonrada? Não achamos isso razoavel. E' horrivel o facto, como é horrivel em falta de outros meios curar uma chaga venenosa com um ferro em brasa.—Mas, e o fim? Para grandes males, grandes remedios. Para uma sociedade corrupta, lições energicas. Argumentario: Si um anno dá um conceito certo se lhe a perna? —Não, porém põem-se-lhe péas.

O desfecho do drama é uma sem razão? Não. E' que toda a gente está acostumada a ver o drama: 1.º acto, arranjo; 2.º, namoro; 3.º, contrariedade; 4.º, fuga; 5.º, matança, quer, papai consente.—*Talhou*.

Isto tem sua moral ás vezes no enredo, desenvolvimento, etc etc, segundo o gosto do autor; porém moral de raizes? tem a de sempre: o *batido*, um mão primo *castigado* com o casamento; um Lovelace felto patriarcha.

X

Mas isto, senhores criticos, é curar phthisia com xarope de goma arabica. Na vida real, nem sempre o primo caza, e nem sempre o Lovelace responsabilisa-se pela *manufatura*. E' por tanto mais razoavel mostrar á sociedade os enganos e erros da humanidade pelo lado negro, do que pelo brilhante.

Mas, ó illustrações offendidas com o drama de Ennes, philosophos intransigentes, parai um pouco e ouvi-me:

Agarras a palavra—Incesto—e com o *compunido* vozear de quem quer ter razão dizeis:

Não pôde haver facto mais repugnante entre as misérias da humanidade.

Ainda bem que concordaes em dar misérias á humanidade, e se concordaes que ella tem misérias, portanto máculas, a que proposito negaes um reagente contra essas máculas? Por que o julgaes ductil? Por que vos faz mal aos nervos? O' santa philosophia que ainda tens nervos!!

Não negaes que para castigar grandes crimes, se faz mister grandes castigos. Dae a fôrça ao *dramaturgo* e lhe pedis lições. De accordo, porém que especie de lição quereis vós, ó *nervos* criticos?... Quereis que para castigar a condessa, Ennes desse-nos a *chapa*: o drama finaliza com o *arredondamento* da condessa, Laura é reconhecida, o primo *repára* o erro—cazando, Antonio por que é *bem rapaz* despoza Laura e... e viva a pandoza! o drama é bom e bem acabou.

Ora vão plantar batatas, senhores criticos de *edição*. Recommendo-vos que peques ao Sr. Simões que, quando levar dramas de effeito moral, vos mande previnir affim de vos munir de agua de flor de laranjeira ou bromoreto de potassa.

Esta é a minha opinião e estou prompto a sustentala.

Foi uma feliz lembrança a do Sr. Simões, dando-nos os *Engitados*, apesar de não ter sido bom o desempenho, exceptuando: Simões e Leopoldo.

A proposito d'este senhor, veio muito a tempo lembrar-me, eu que o tenho apontado sempre que o vejo em scena, de o collocar no livro cór de roza cá do *Capindó*. Sim Sr, apresente-se em scena fazendo papeis do qualite de Jorge e então levantai-o-bemos do *liero negro*.

E aqui tem V. Ex.^a, ao que é obrigado um homem para satisfazer caprichos,—a escrever uma porção de couzas capizes de ter como resposta uma descompostura ou um: amolador!—

X

Agora que o drama não é alegre, percebi em logo, tanto que no terceiro acto houve um pequeno *fandó*.

Que diabo seria aquillo ???!!! O drama é triste, e eu sou muito sensivel; por tanto desculpem a *trêla* ao

KPADOCIO.

THEATRICES

Que zangal, Idéas do Aquelle, Se eu fosse philosopho..., Os Engeitados e os criticos, Continuação, O que seria?....

—

— Hoje hade ter paciencia, meu caro senhor, estou *cartuchalmente* estúpido.

— Pois meu amiguinho, si não queria levar a cruz, não pegasse.

— Pegasse?!... Hom'ella!!

Va, va, tem razão; mas é que bem está vendo, não se pôde forjar noticias.

— E o S. Pedro? Entao não ha ali nada, ou você é cêgo?...

E então, querem mais claro? não ha remedio senão ir ao S. Pedro e depois inpingir a V. Ex.^{sa} uma dóze de amolação em tres columnas. E depois eu creio que isto de levar todos os dias a dizer-vos:—O' amaveis, quereis saber o que vi? Lá vai: O *Kean* foi levado.... levado! será o verbo proprio?... Ha de ser, porque elle só não hia, ora elle foi, logo, é que o levaram; e por tanto, eu que lá estava, com autorisação do patrão e do porteiro lá da caza, não tive remedio senão vê-lo. *Coi-tadito....*

×

Olhem, minhas leitoras, o *aquelle* estava junto a mim e disse-me :

— O' K., agora é que me recordo, este drama é inspirado de Cham.

— Cham!! Qual? o irmão de Japhet?

— Sim, o progenitor da raça maldita.

— Ora qual, isso é pêta; este é Kean e o Dr. Paciencia que consultou um lord disse-me que por via do diphtongo *ea* valer *i* em *bife*, elle é Kin.

— Você ainda vai atraz de *cantigas*. Elles deram essas tintas ao nome, porém eu digo que o drama está desastradamente posto em scena e